

NOTTA
EDITORIAL
NOTTA DOO EDITTOR
EDITOR'S NOTE

Luis Correa Aydo

Diretor da revista *Intercambio*

*Psicoanalítico*¹

1 Traducción al portugués de Sthefani Techera.

Intercambio Psicoanalítico apresenta uma nova edição que busca avançar em um processo de melhoria contínua para servir seus leitores naturais no âmbito da FLAPPSIP, com a esperança de se tornar um elemento de consulta para todos os praticantes de psicanálise, onde quer que estejam atuando. Convidamos a explorar o site da revista, além desta edição, especialmente agora que, graças às vantagens do sistema OJS, as edições anteriores estão também disponíveis, permitindo recuperar cada artigo de forma independente.

Nesta edição, apresentamos, com muita alegria, o Primeiro Prêmio do Concurso Jorge Rosa para Estudantes da FLAPPSIP. Trata-se do artigo *Reflexões sobre a clínica psicanalítica com adolescentes*, de Valentina Bravo Pelizzola. É muito positivo ver como, em cada edição do Concurso, que coincide com nossos congressos bianuais, são abordados com rigor e originalidade temas que desafiam a clínica contemporânea. Neste caso, confrontam-se alguns elementos do enquadre com as particularidades da clínica com adolescentes. Diferente da clínica infantil, desenvolvida precocemente dentro da nossa disciplina, e logicamente também diferente da clínica de adultos, o trabalho com adolescentes sempre exigiu dos analistas uma técnica artesanal fértil, especialmente atenta ao fato de que os adolescentes costumam ser o ponto crucial das mudanças culturais. Observamos que essa atenção às transformações civilizatórias e ao interjogo que se estabelece com as exigências do trabalho analítico não apenas está presente no artigo premiado, mas também constitui um eixo transversal de toda a revista.

Um bom exemplo disso é o artigo *Subjetividade e supermodernidade*, de Delicia Ferrando, que nos coloca na interseção do sócio-histórico e do psicológico. Sabemos que Freud, especialmente na sua última fase de produção, interessou-se cada vez mais por questões civilizatórias, com atenção especial aos eventos do seu tempo histórico. Contudo, tendo em vista que os parâmetros históricos são, por definição, mutáveis, os psicanalistas se veem forçados a manter uma atitude de investigação e reflexão constante para não confundir o superficial com o profundo e para avaliar a incidência real de algumas transformações como, por exemplo, a globalização digital. Este é o foco do artigo mencionado, cujas conclusões ressaltam a necessidade de uma perspectiva psicodinâmica para não se sentir sobrecarregado pelas mudanças incessantes e, sobretudo, para resgatar o valor da dimensão intersubjetiva real na construção de identidades resilientes e viáveis.

Por sua vez, o artigo *Trajetos do estimulismo digital*, de Lucio Gutiérrez, avança na consolidada trajetória do autor no estudo dos temas da cibernsujetividade. Embora uma publicação psicanalítica claramente não seja uma “revista de atualidades”, é extraordinária a seriedade com que este artigo mergulha no nascente universo da inteligência artificial. Sua leitura nos distancia da mistificação um tanto caprichosa que anuncia uma distopia robotizada, mas adverte sobre os riscos reais da sobreestimulação digital, que pode nos privar de aspectos centrais da experiência humana.

Também com um olhar atento aos processos em pleno desenvolvimento nas sociedades contemporâneas, o artigo *A crise da masculinidade. A emergência das subjetividades e a psicanálise*, de Marcelo Caon, aborda a questão de gênero a partir do ângulo masculino. Invertendo a pergunta que Freud fez sobre o desejo vinculado à identificação, o autor questiona: O que quer o Homem? A desconstrução gradual das bases ideológicas do patriarcado, que se enraízam no inconsciente, gera novos sofrimentos para aqueles que, na imagem do “homem tradicional”, encontravam uma estrutura de proteção contra os enigmas perturbadores da pulsão.

Um segundo núcleo na seção de artigos científicos está composto por interpelações específicas à clínica, desafiada por questões novas e antigas, com um inevitável poder devastador. Eugenio Lafón Nieto propõe no seu trabalho *Frente ao excesso e ao desamparo, dispor de um recipiente que possibilite o trabalho de luto em adolescentes* um exemplo de articulação entre teoria e técnica terapêutica utilizando o conceito de “recipiente” proposto por Laplanche. Delimitando as fronteiras da situação analítica, com um critério mais abrangente do que o do enquadramento, este conceito, trabalhado por Lafón em conjunto com a função alfa de Bion, oferece, no contexto da recente pandemia, um ponto de ancoragem para a elaboração das perdas. Contenção, sustentação, vínculo: eis o potencial transformador da dor em maior autonomia psíquica.

O artigo *“Tá na roda”, intervenções clínico-políticas em espaços educativos*, de Perla Klautau, aborda uma dimensão coletiva do sofrimento dos jovens e propõe um dispositivo clínico focado nos efeitos subjetivantes de uma associação livre de tipo grupal. Uma psicanálise praticada além do consultório não é algo estritamente novo, mas é uma prática que, constantemente, precisa de propostas criativas e rigorosas. Neste caso, assume-se com lucidez e coragem intelectual a dimensão política implícita na promoção do pensamento crítico.

O artigo *“Tão longe de mim e de tudo aquilo que é humano” Perspectivas dos psicoterapeutas psicanalíticos sobre a psicose e sua abordagem psicoterapêutica em pacientes adultos*, de Catalina Sorhuet, retoma a espinhosa questão do tratamento psicanalítico das psicoses. Neste caso expõe algumas reflexões que o trabalho de campo lhe provocou para realizar a sua tese de mestrado, entrevistando psicoterapeutas que trabalham com estes pacientes. Freud fez contribuições significativas para a compreensão da psicose, mas não iniciou seu tratamento terapêutico, tornando a clínica das psicoses um dos desenvolvimentos mais importantes da psicanálise além das premissas fundacionais. No entanto, a autora observa que, no último meio século, pelo menos no seu país, diminuiu a quantidade de publicações sobre o tema. Esse dado, associado à insegurança técnica que muitos dos psicoterapeutas entrevistados relatam ao lidar com essa patologia, justifica a necessidade de voltar a abordar uma condição que, longe de “não ser humana” é, como diz a autora, “a base sobre a qual se constroem as neuroses ou qualquer outro destino do psiquismo humano”.

O último trabalho publicado na seção de Artigos Científicos é *Sobre a inter-relação entre desbordamento social e espaço terapêutico*, que compartilha com o anterior o fato de ser fruto de um processo de pesquisa, e ambos os dois constroem uma espécie de ponte conceitual com a seguinte seção, dedicada especificamente às Pesquisas. Neste caso, trata-se de um trabalho coletivo realizado pela Oficina de Pesquisa do Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima. Mais uma vez vemos presente a conexão entre certas circunstâncias sociais, aqui caracterizadas como “desbordantes”, e a produção de subjetividade, com as consequências que isso implica para o trabalho e a reflexão psicanalítica. Combinam-se métodos tradicionais de registro do trabalho terapêutico com a participação coletiva na construção explicativa do caso. O intuito é trabalhar em um paradigma hermenêutico-histórico, ou seja, produzir um tipo de interpretação contextualizada. Para isso, é necessário assumir criticamente que terapeutas e pacientes estão envolvidos em uma circunstância cultural comum, em que conceitos como amor, ódio, medo, racismo... adquirem matizes próprios. Em um contexto social que propicia a fragmentação em diversos níveis, o trabalho de pesquisa coletiva ajuda a pensar as implicações que isso acarreta e prepara para intervenções clínicas mais integradoras.

A Seção da Diretoria de Pesquisas da FLAPPSIP apresenta dois artigos cujo eixo comum é refletir sobre as diferentes formas de produzir e validar novos conhecimentos em nossa disciplina. Cada um deles tem uma direção diferente. Por um lado, *Oficina de pesquisa psicanalítica do CPPL: nossa experiência de pesquisa coletiva*, de Laura Soria, retoma a experiência do trabalho em grupo do CPPL que ilustra o artigo já resenhado. Enquanto isso, por outro lado, *Psicanálise e pesquisa. Reflexões em primeira pessoa*, de Beatriz M. Rodríguez, aborda a potencialidade do trabalho pessoal, em um duplo sentido. De algum modo, volta à autoanálise de Freud, o único analista que não foi analisado, e, a partir desse material, a autora propõe seu próprio olhar de analista, apontando para desconstruir “a lenda biográfica”.

Em ambos os artigos, além das conclusões que possam ser extraídas, é interessante acompanhar a descrição dos processos intencionais que sustentam ambos os modos de abordar o conhecimento em psicanálise, não sendo os únicos modos. Isso fica consignado na Introdução à Seção onde a Diretora de Pesquisa da FLAPPSIP, Marta De Giusti, coloca que as perguntas sobre pesquisa em psicanálise “abrem um campo de problemas complexo, diverso, talvez em alguns pontos contraditório e/ou de difícil resposta, pelo que decidimos que o formato para abordá-las e colocá-las em prática adquiriria para nós a figura de um debate de ideias a partir das diferentes experiências sobre o tema”. Seja trocando ideias em diálogos concretos, ou virtualmente através da publicação de diversas experiências, nossa disciplina avança em direção a territórios de validação que a afastam do ingênuo recurso ao princípio de autoridade. Na seção de Entrevistas, apresentamos diálogos com mulheres relevantes na produção psicanalítica de nossa região. Por um lado, Mabel Burin,

entrevistada por Mauricio Clavero, mais uma vez demonstra na frescura do diálogo que, além de sua trajetória amplamente reconhecida, é uma mente sagaz e em contínua evolução. Seus trabalhos sobre questões de gênero têm se inscrito cada vez mais em uma reflexão global sobre as questões do poder e a força das ideologias na produção de subjetividade. Sua tarefa intelectual é ao mesmo tempo de oposição consciente aos antigos e falsos ideais de gênero e uma aposta em gerar ferramentas teórico-clínicas que ajudem a transitar uma época de mudanças, assediada pelas contradições, resistências inconscientes e desejos heterogêneos.

Quanto a Sueli Souza dos Santos que, coincidentemente, assim como M. Burin, tem se dedicado à sexualidade na maturidade da vida, é entrevistada por um grupo de colegas do CEP de PA (P. Triches, L. Matos e M. Liane Porn). Nesta oportunidade, o diálogo inicia na origem de seu interesse pelas diferenças entre as pessoas e a lógica exclusão/inclusão que elas geram. Em sua vida pessoal e em sua atividade intelectual, a psicanálise aparece naturalmente ligada a uma vocação humanista em que é central a dialética entre a pressão social e a subjetividade individual. É a partir desse posicionamento que entende a escuta analítica “como um projeto de autonomia, envolvendo o sujeito no compromisso com sua história e o que fazer com ela”. E acrescenta: “isso é um ato político”. Quanto à seção de Resenhas de Livros - esse serviço de atualização que oferecemos aos leitores -, contamos com três contribuições de interesse e atualidade, nascidas de autores latino-americanos com projeção global.

Em primeiro lugar, Nora Rabinovich comenta o livro de Osvaldo Maltz (2023) *La eficacia terapéutica del psicoanálisis*. A partir do título é possível observar que se trata de um livro ambicioso. A comentarista corrobora a adequação desse objetivo, enfatizando que, longe de abundar no já consabido, o autor procura passar por um prisma contemporâneo e de questões atuais sua reflexão teórico-clínica. Mesmo voltando a temas clássicos como a histeria, o texto oferece uma perspectiva inovadora, apoiada por materiais clínicos reconhecíveis na apresentação atual dos pacientes, moldada pela condição pós-moderna e pela globalização.

Em segundo lugar, Ana Lúcia Panachão propõe uma aproximação ao livro “Feminismos em trânsito”, compilado por Silvia Leonor Alonso, Danielle M. Breyton e Marcia R. Bozon de Campos (2022). Partindo da análise do título: “feminismos” no plural e a locução adjetiva “em trânsito”, a autora da resenha valoriza no livro a clareza para mostrar que a circulação de discursos fora da hegemonia heteronormativa abre oportunidades vitais para milhares de pessoas que, de outra forma, estariam condenadas à exclusão e à violência. Adicionalmente, o texto tem o mérito de ser testemunhal, já que são transcritas contribuições vertidas nos grupos que foram formados para a pesquisa do tema.

Quanto à terceira resenha, Daphne Gusieff Torres comenta o lançamento de uma nova edição do livro de Hilda Catz (2024) *Tatuajes como marcas simbolizantes. La relevancia clínica de los tatuajes para el proceso*

psicoanalítico. A tese central do livro, do ponto de vista teórico, é que o corpo tatuado é como um tecido que revela a produção inconsciente do sujeito. Dessa maneira, é possível entender as tatuagens como tentativas de inscrever, até mesmo dolorosamente, processos psíquicos e emocionais relevantes. Seu crescente aumento pode ser entendido como uma necessidade implícita das novas gerações de resistir à sensação de fluidez irreprimível que a experiência cotidiana oferece nesta época. No entanto, o mais original do livro é que a autora propõe o diálogo clínico sobre as tatuagens que os pacientes portam, como uma ferramenta privilegiada para construir narrativas que iluminem aspectos ocultos da história pessoal.

Convidamos a todos a lerem a revista e lembramos que a revista está aberta para interações com leitores através das redes sociais da FLAPPSIP e através do e-mail de publicação info@intercambiopsicoanalitico.org